

FENOMENOLOGIA E SUBJETIVIDADE: PROPEDEÚTICA À TEORIA DA INTERSUBJETIVIDADE A PARTIR DE *MEDITAÇÕES CARTESIANAS*

Devair Gonçalves Sanchez¹

RESUMO

A presente pesquisa visa explorar o conceito de *intersubjetividade* dentro do esquema da obra *Meditações cartesianas* (1930) de Edmund Husserl. Mediante a acusação de solipsismo metodológico, Husserl retoma sistematicamente suas reflexões, no intuito de demonstrar que a condição do eu reduzido pela *epoché* não conduzirá o eu a um solipsismo extremo. Ao contrário, tal condição se faz necessária para uma filosofia de rigor que pretende conferir sentido aos seres. Na elaboração de seu método filosófico, a saber, a fenomenologia, Husserl constata um problema de cunho metodológico que põe à prova sua teoria, comprometendo a eficácia metódica da mesma ao isolar o sujeito numa consciência indiferente ao outro.

Palavras-chave: Fenomenologia. Intersubjetividade. Transcendental.

ABSTRACT

This research aims primarily to explore the concept of Transcendental Intersubjectivity within the scheme of work *Cartesian Meditations* (1930) by Edmund Husserl. Upon the charge of methodological solipsism, Husserl takes up his thoughts systematically, in order to demonstrate that the condition of self reduced by the *epoché* not lead me to an extreme solipsism. Rather, such a condition is necessary for a rigorous philosophy that you want to make sense to humans. In developing his philosophical method, namely, phenomenology, Husserl finds a problem of a methodological nature that tests his theory, methodical undermining the effectiveness of this approach to isolate the subject in a conscious indifference to the other.

Keywords: Phenomenology. Intersubjectivity. Transcendental

INTRODUÇÃO

Com o propósito de fundamentar as bases sólidas do pensamento através da lógica e atestar um caráter de rigor científico à filosofia, Edmund Husserl (1859-1938) vai gradativamente perfilando os traços metodológicos de um voltar-se para as estruturas constitutivas do mundo. Precisamente no ano de 1900, Husserl publicará uma obra denominada *Investigações Lógicas*, em que a consciência terá como característica

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE (E-mail: devairsanchez@gmail.com).

fundamental a intencionalidade. Desde então, a inquietação filosófica de Husserl será pautada pela tentativa de elucidar o modo como a consciência apreende os fenômenos. Imbuído da mesma inquietação que instigara outrora Descartes, o ponto de partida do conhecimento recai sobre o sujeito pensante; o “voltar-se sobre si mesmo” equivale ao “debruçar-se” sobre o *ego cogito*.

Abstendo-se do mundo empírico e, conseqüentemente, de suas formas sociais e culturais, o fenomenólogo assume com rigor a postura do *ego* que se coloca em atitude reflexiva. As coisas continuam existindo na realidade objetiva. No entanto, a proposta de Husserl consiste no método de que o pensamento deve guiar-se num prisma transcendental de reflexão. Penetrando a esfera transcendental, e sob o fio condutor da intencionalidade, o *ego* transcendental avança numa contínua clarificação das evidências, constituindo sentido às objetividades em vista de uma ciência rigorosa e universal.

A consequência da efetivação do método fenomenológico transcendental conduziria o *ego cogito* puro a um “solipsismo teórico” aparentemente irreversível. O solipsismo nada mais seria que paradoxos emergentes, como o “em-si” e o “para-si”, o “mundo” e o “sujeito”, entre “próprio” e o “estranho”. A proposta de reflexão aqui disposta pretende abordar o problema da intersubjetividade no pensamento husserliano, mais propriamente dentro do esquema das *Meditações cartesianas*, no intuito de pensar a pertinência e o alcance de tal crítica. Cabe prevenir que a noção de intersubjetividade, amplamente discutida pela psicologia vigente no século XX, dista do modelo transcendental almejado por Husserl. O “voltar-se” para o outro sujeito requer um distanciamento do mundo objetivo e, por assim dizer, uma apropriação metodológica de análise de cunho transcendental. Para tanto, caberá ao presente escrito deslindar o caminho que conduz a tal análise, permeando as estruturas ontológicas da intersubjetividade como conjuntura descritiva do outro sujeito pensada por Husserl na quinta meditação.

Durante esse percurso indagar-se-á a experiência que permite – em termos indiretos – o acesso à outra margem do abismo, ao mistério do outro. O outro sujeito se apresenta constantemente no mundo circundante e não pode ser concebido como “fantasma” ou produção ficcional. O outro se apresenta a mim enquanto natureza primordial, a partir das estruturas intersubjetivas elucidadas por Husserl, que unificam e tornam coesa a sua manifestação constitutiva. Portanto, torna-se perspicaz o fato de que essa pesquisa não leva em conta o argumento de que o outro, estando fora de mim, não fornece possibilidade de gerar conhecimento de si.

Diante disso, a presente investigação vê-se constantemente orientada pelas seguintes interpelações: será que a análise do mundo, dos objetos e do *alter ego*, pelo *ego* transcendental, implica num solipsismo transcendental? Qual o sentido que adquire o ser do *alter ego* – tendo em vista que a fenomenologia tem esse interesse primordial, a saber, auferir sentido aos entes enquanto fenômenos – a partir das estruturas ontológicas que se desdobram nos atos intencionais? Seriam os outros sujeitos meras representações para o *ego* transcendental? Até que ponto a necessidade de uma ciência puramente egológica torna-se imprescindível na análise dos fenômenos? Como posso sair da ilha da minha consciência? Como o ego vivencia ou de que modo dá-se a experiência do *alter ego*? Tais questões colocam-se como o objetivo dessa pesquisa.

A proposta do presente trabalho consiste em retomar analiticamente o movimento de constituição do *alter ego*, levando em conta que esse outro, no momento em que o constituo como outro, está também constituindo o “eu – próprio”. Tendo-o diante de mim, e, tratando-se de outra subjetividade, por conseguinte, não tenho apenas um objeto sintetizado em seus dados apreendidos pelo ego. Constituindo a objetividade do mundo, o *ego*, através da relação *cogito-cogitatum* dispõe somente do fluxo dos atos noético-noemáticos dos entes objetivos, prescindindo de instrumentos metodológicos de análise subjetiva que somente emergirão na análise da comunidade intersubjetiva. A partir da quinta meditação, Husserl se ocupará em trazê-los à baila e empregá-los em sua teoria da constituição do sentido autêntico do *alter ego*.

Nesse trajeto, Husserl propõe uma reflexão acerca da esfera do próprio em que ocorre o aparecer do outro como um eu. O “estranho” a mim desponta como o âmbito da experiência transcendental da subjetividade do próprio e, paralelamente, do outro. Trata-se de adentrar no campo da experiência noética do eu acerca do outro como se o *ego* tivesse a possibilidade de apropriar-se da experiência que o *alter ego* faz do ego pensante.

No entanto, para tornar possível essa copresença do outro no eu, Husserl insere no desenvolvimento da quinta meditação um conceito denominado *Einfühlung*². Numa abordagem prévia, deixa-se transparecer o estabelecimento de níveis intencionais ou momentos constitutivos na relação entre os sujeitos. Nesse contexto emergirá o conceito de *Emparelhamento (Paarung)*, em que a dinâmica de percepção do outro sujeito acontecerá de modo psicossomático. A doação originária do outro sujeito ao ego acontece num mundo primordial, através de uma *apresentação (Appräsentation)* corporal e, através desse novo campo de apresentação do outro, tenho disponível fenômenos da vida psíquica que permitirão

² A tradução mais apropriada seria *empatia* ou *intropatia*.

a abertura de um novo horizonte de apropriação das manifestações subjetivas do outro, por meio dessa espécie de relação empática.

Tal revelação inaugura um novo horizonte de sentido e atesta à fenomenologia um campo amplo de averiguação dos outros em sua alteridade. Tem-se a elaboração de uma ontologia universal que desencadeará uma postura reflexiva amplamente debatida por filósofos tais como Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, entre outros. Cabe inquirir se na Fenomenologia Transcendental há um reconhecimento da apoditicidade do mundo e dos outros sujeitos. Percorrendo essa via, notar-se-á a manifestação do *alter ego* para o eu como fato transcendental da esfera fenomenológica. A perspectiva da investigação empreendida vislumbrará o horizonte do mundo comum como substrato das vivências intersubjetivas em polaridade com o *ego* transcendental enquanto doador de sentido. Pretende-se refletir acerca da impossibilidade do *ego* reconhecer-se como tal, excluído de uma comunidade monádica instaurada pelo sentido de existência do mundo.

Em vista disso e com base no conjunto de conferências realizadas na Sorbonne, em Paris, em fevereiro de 1929, publicadas, pela primeira vez, em tradução francesa, em 1931, texto que propiciará um desenvolvimento da temática, originando as *Meditações cartesianas*, o presente trabalho intenta percorrer a trajetória husserliana em busca de refutar a crítica de solipsismo teórico via desvelamento da comunidade intersubjetiva. Para tanto, far-se-á num primeiro momento uma análise das primeiras meditações, onde a reflexão será pautada pelo modo como a subjetividade volta-se para os fenômenos e os constitui na dinâmica correlacional *noético-noemática*; em seguida, caberá investir numa análise do *ego* transcendental como substrato do conhecimento, levando em conta a *epoché* que o isola ao plano da consciência e, por conseguinte, fundamenta a crítica de solipsismo metodológico; e, por fim, o foco da abordagem concentra-se no desenvolvimento teórico husserliano da comunidade intersubjetiva monadológica como primeira tentativa de refutação da crítica mencionada.

A FENOMENOLOGIA COMO ARQUÉTIPO DA FILOSOFIA E DAS CIÊNCIAS

Logo no início do opúsculo *Conferências de Paris* (1929)³ Edmund Husserl sugere o reavivamento do pensamento cartesiano das *Meditationes de prima philosophia* (1641). Guiado por esse modelo de reflexão, Husserl crê que a fenomenologia transformar-se-ia “num tipo novo de filosofia transcendental” pelo “retorno radical ao *ego cogito* puro”. Retomando Descartes, imbuído da inquietação em relação ao rumo tomado pelas ciências no início do século XX, Husserl direciona sua busca por um fundamento apodítico e rigoroso, no qual todo saber científico deveria se fundamentar. Para Descartes, a filosofia era o arquétipo de todo o saber científico de sua época. Portanto, dando-se a reforma das diretrizes filosóficas, por conseguinte, ter-se-ia a mudança das ciências num todo.

Do ponto de vista da unidade científica, a filosofia ocidental encontra-se, desde meados do século passado, num visível estado de decadência em relação às épocas precedentes. Por toda a parte, desapareceu o ponto, a unidade: tanto na determinação do objetivo quanto na colocação dos problemas e no método (HUSSERL, 2001, p. 22).

Tomando como protótipo metodológico as *Meditações* de Descartes, Husserl propõe uma espécie de “suspensão” de juízos incertos, passíveis de dúvida ou comumente admitidos. Essa suspensão consiste em pôr entre parênteses os fenômenos até que se alcance um “conjunto de dados absolutamente evidentes” (HUSSERL, 2001, p. 21). Nas *Meditações cartesianas* Husserl alude ao pensador francês: “Façamos aqui, segundo os passos de Descartes, o grande gesto de voltar-se sobre si mesmo, o qual, se corretamente realizado, conduz à subjetividade transcendental: o debruçar-se sobre o *ego cogito*, domínio último e apoditicamente certo sobre o qual deve ser fundamentada toda filosofia radical” (HUSSERL, 2001, p. 36). Ainda, referindo-se ao projeto cartesiano, Husserl atesta que “Descartes inaugura um novo tipo de filosofia. Com ele a filosofia muda totalmente de estilo e passa radicalmente do objetivismo ingênuo ao subjetivismo transcendental” (HUSSERL, 2001, p. 22).

Husserl modifica em alguns aspectos a teoria cartesiana, a fim de livrá-la dos erros que a tornam improfícua no que tange a sua adequação ao projeto fenomenológico. No entender

³ HUSSERL, Edmund. *Conferências de Paris*. Tradução de António Fidalgo e Artur Morão. Edições 70: Rio de Janeiro, RJ. 1992.

de Husserl, a ciência deveria ocupar-se com os dados essenciais da realidade. O mundo, aos olhos de um espectador do senso comum, portador de uma consciência passiva aos atos mundanos, torna-se um aglomerado de dados materiais, estático, sem sentido a fornecer. No entanto, aos olhos de um fenomenólogo, o mundo torna-se uma esfera de fundamentação transcendental, lugar do aparecer de fenômenos. Tendo realizado essa suspensão a fim de alcançar uma evidência apodítica primordial, para Husserl resta somente o sujeito que empreenderá a busca pelas outras certezas, percorrendo o caminho em prol do atestado da apoditicidade da ciência. A busca é por um ponto de partida para o desenvolvimento da fenomenologia transcendental. A pureza do ponto de partida é o caráter essencial da fenomenologia. Essa pureza egológica requer uma total “anulação” das diretrizes normativas atestadas pelas ciências em geral.

Na busca de uma verdade apodítica, o filósofo compreende que, dada a experiência comumente aceita, o procedimento da redução coloca em xeque as intenções não preenchidas, submetendo-as a uma sequência de experiências concordantes, ao que se acredita, darão à consciência uma síntese significativa por meio das intuições. Intuir o sentido do fenômeno requer uma desconexão, parafraseando Husserl, uma “colocação entre parênteses do mundo objetivo” (HUSSERL, 2001, p. 38). Essa síntese significativa pode ser entendida como a confirmação da experiência num primeiro momento; Husserl dará o nome de “evidência adequada”. Cabe então à consciência a função de purificar os atos intencionais que a mesma capta em sua experiência.

Uma evidência apodítica tem essa particularidade de não ser somente, de maneira geral, certeza da existência das coisas ou dos “fatos” evidentes; ela se revela ao mesmo tempo à reflexão crítica como uma impossibilidade absoluta de que se conceba a sua não-existência e, portanto, exclui de antemão toda a dúvida imaginável como desprovida de sentido (HUSSERL, 2001, p. 33).

Partindo de um ideal de cientificidade, fundamentada no conceito de evidência, Husserl buscará com afincado uma ciência de fundamentos absolutos, colocando, num primeiro momento, em suspenso a existência do mundo. O que acontece, nas palavras de Husserl é que “a *epoché* fenomenológica [...] inibe o valor existencial do mundo objetivo e, dessa forma, o exclui totalmente do campo dos nossos julgamentos”.

Dessa forma, a ideia da existência do mundo, no âmbito da atitude natural, deverá ser recusada. Isso não quer dizer que o mundo deixe de existir, mas não deve ser ele o ponto de partida para a edificação de uma nova filosofia rigorosa, apodítica e reformadora. A radicalidade da filosofia pensada por Husserl só acontecerá se o sujeito que medita tomar como ponto de partida o *ego cogito*. Somente partindo do sujeito meditante é que se pode firmar a filosofia e a ciência em terreno sólido. Nota-se que a reforma das ciências e da filosofia almejada por Husserl, dar-se-á a partir de uma transferência do campo de análise da experiência para a esfera do transcendental, no intuito de obter uma purificação dos atos cognitivos bem como do mundo em sua objetividade. “É preciso também retirar do terreno natural, do qual elas se alimentam, do terreno do mundo empírico, sua autoridade espontânea” (HUSSERL, 2001, p. 35). Vale ressaltar que na atitude natural o sujeito se encontra, num primeiro momento, não como filósofo preocupado com o rigor da realidade, mas numa atitude conscientemente ingênua e despreocupada. Não há o esforço da busca, pois tudo se encontra previamente dado. Husserl não nega a existência do mundo, mas, antes de tudo, toma esse pressuposto como baluarte da fenomenologia enquanto descrição da experiência sensível. A postura diante do mundo para o fenomenólogo é guiada pela noção grega de *epoché* como será mostrado em seguida.

Husserl faz uso das reduções para atingir um nível de certeza cada vez mais puro. É como se a cada operação ocorresse um procedimento de filtragem das verdades alcançadas (vivências obtidas). É constante o aparecer nos escritos de Husserl de termos como “redução filosófica”, “redução eidética”, “redução fenomenológica” ou “redução transcendental”. Como afirma o filósofo, “a fim de não desviar o caminho, devemos, segundo as exigências de nosso método, proceder, no interior da esfera transcendental, a uma nova *epoché*, tendo por meta delimitar o objeto de nossas pesquisas” (HUSSERL, 2001, p. 107).

A INTENCIONALIDADE DA CONSCIÊNCIA E A EPOCHÉ COMO INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS PRIMORDIAIS DA FENOMENOLOGIA

Husserl promove uma prática filosófica revolucionária dinamizando a consciência, tirando-a da passividade espectadora diante do mundo. Cabe à consciência conferir sentido aos fenômenos que a ela se apresentam e, com isso, tem-se a consciência ocupando-se da constituição dos objetos no âmbito transcendental, onde os mesmos são tomados como

fenômeno de existência. Os atos da consciência são tomados num nível intencional e o sujeito passa da atitude natural para a atitude fenomenológica; entra em cena a *epoché*. O “resultado” claro de toda *epoché* fenomenológica, será a descoberta do ego puro, da consciência. Nas *Meditações cartesianas*, Husserl tenta mostrar que mediante a operação da *epoché* o mundo não se torna um nada para a fenomenologia, mas simplesmente o ganha como *cogitatum*, quer dizer, *como correlato de minha intencionalidade*.

Alegoricamente pode-se dizer que a *epoché* se dá tal como o ato de assistir um filme e paralisar a cena num determinado momento. Tal *atitude* (*Einstellung, Haltung*) da consciência permite ao eu captar o fenômeno em suas intuições não preenchidas, possibilitando à reflexão egológica um direcionamento essencialmente orientado. No entanto, a analogia usada não deve ser confundida com qualquer espécie de estaticidade da consciência. Ao contrário, o caráter desses acontecimentos é de fluxo contínuo, numa atividade constante de depuração, clarificação e descrição de atos percebidos num primeiro momento a fim de atingir verdades absolutas e irrefutáveis.

Por conseguinte, a atitude fenomenológica com a sua *epoché* consiste em eu obter o derradeiro ponto pensável da experiência e do conhecimento, no qual me torno espectador imparcial do meu eu mundano-natural e da vida do eu, a qual constitui aí apenas um pedaço particular ou um estrato específico da minha vida transcendental desvelada (HUSSERL, 1992, p. 23).

A atitude transcendental busca precisamente analisar os atos intencionais da consciência e não apenas os dados objetivos da realidade empírica. Quem adere a essa nova forma de ocupação da realidade não se contenta com a demonstração de simples fenômenos, mas, abstendo-se da atitude irrefletida, passa a valorizar os dados puros vividos da consciência. Pode-se afirmar com clareza que a *epoché* é o ato que perpassa toda a trajetória de saída da ingenuidade irrefletida para a responsabilidade filosoficamente comprometida. Dado o emprego da *epoché*, emerge “uma esfera nova e infinita de existência que pode atingir uma experiência nova, a experiência transcendental” (HUSSERL, 2001, p. 46), onde a consciência deixa de ser espectadora estática da objetividade mundana e volta-se para si mesma como se ela tivesse total domínio do campo de sua atividade. A partir dessa constatação, nota-se também que na fenomenologia a consciência humana capaz de conhecer é sempre intencionalidade, ou seja, “toda consciência não é somente consciência, mas sim

consciência de algo, e esta, por extensão, só é alguma coisa para uma consciência” (HUSSERL, 2001, p. 51).

Na constituição de sentido de um determinado objeto, a consciência, mediante os atos e correlatos da sua intencionalidade, fornece a doação de sentido que emerge de sua vivência constitutiva. Emaranhada numa sequência infinita de atos, a consciência vai constituindo e conferindo sentido aos fenômenos que a ela se mostram. Com isso tem-se um dado fundamental, a atividade fulcral da consciência, a saber, conferir sentido aos fenômenos. A *epoché* ou a redução fenomenológica permitirá um “voltar-se” comprometido aos fundamentos da constituição de sentido das possibilidades de conhecimento. O “em si” torna-se um “para mim”, pois me aproprio de sua condição existencial, não apenas enquanto objeto de conhecimento no âmbito empírico, mas como vivência intencional nos fluxos da consciência.

Agindo dessa maneira, a filosofia se ocuparia somente dos dados essenciais da realidade objetiva, em outras palavras, o horizonte de sentido – que somente desvela-se no âmbito transcendental –, dispensado pelos fenômenos é agora o foco da filosofia almejada por Husserl. Segundo o filósofo, “contrariamente a Descartes, vamos nos propor como tarefa *explorar o campo infinito da experiência transcendental*” (HUSSERL, 2001, p. 36). A consciência, em sua vida intencional, em suas *cogitationes*, se encontra em constante fluxo, captando dados da realidade e purificando os mesmos através da dinâmica de redução. Dessa forma, temos o ato e o correlato da consciência. O importante é a experiência que o ego obtém dos fenômenos através da intencionalidade da sua consciência. A realidade mundana objetiva perde sua importância enquanto interesse de análise fenomenológica.

A percepção externa (que certamente não é apodítica) é, sem dúvida, uma experiência do objeto em si – o próprio objeto está ali [diante de mim] –, mas, nessa presença, o objeto possui, para o sujeito que percebe, um conjunto aberto e infinito de possibilidades indeterminadas que não são, elas próprias, atualmente percebidas (HUSSERL, 2001, p. 40).

O ego puro será o condutor, o promotor e o ordenador do fluxo das vivências da consciência. Ele mesmo as constituirá e, como consciência intencional que investiga o “em si”, desvelará o fenômeno dando sentido ao mesmo através de suas vivências intencionais. De tal maneira que nas *Meditações cartesianas*, Husserl intenta demonstrar que o ego puro,

isolado no âmbito da consciência intencional atestada pela fenomenologia transcendental, embora constitua todo o horizonte de sentido do mundo no âmbito dessa consciência, nem por isso se torna rigorosamente solipsista.

Ainda, pela intencionalidade compreende-se o voltar-se para a realidade circundante do mundo sempre visando algo. A análise intencional dá-se, portanto, na dinâmica *cogito-cogitatum*, em que “a vida de consciência relaciona-se intencionalmente consigo mesma” (HUSSERL, 2001, p. 61). Ainda na quinta meditação, Husserl demonstrará a constituição da experiência do outro via intencionalidade, no ego transcendental reduzido, ou seja, como se forma uma comunidade intersubjetiva monádica. Com isso, pode-se perguntar: seria o *ego cogito* algo separado, estranho ao próprio homem?

Adentrar no campo da experiência transcendental, como já dito, implica uma reflexão paulatina e intermitente. Caso contrário a investigação que agora se denomina fenomenologia transcendental está fadada a novamente adentrar no âmbito combatido por Husserl, a saber, o psicologismo. Não se trata nem mesmo de efetuar uma psicologia puramente descritiva, pois a redução transcendental é o fator que dissocia ambas as perspectivas. Segundo Husserl, (2001, p. 50) “a psicologia pura forma, é verdade, um estreito paralelo com a fenomenologia transcendental da consciência. No entanto, é preciso distingui-las bem; sua confusão caracteriza o psicologismo transcendental, que torna impossível qualquer filosofia verdadeira”.

Trata-se, portanto, de permanecer restrito ao âmbito da redução transcendental da consciência. Conceber os elementos constitutivos dessa esfera, não mais como existentes, mas como meros fenômenos, é o passo essencial e incipiente a se tomar enquanto atitude fenomenológica. A percepção que se tem do objeto intencionado, mesmo após a aplicação da redução, ainda traz em seu bojo o objeto da mesma intenção. Em outras palavras, o eu *cogito* traz em sua constituição o seu *cogitatum* respectivo. Tal característica é resultado do estatuto da intencionalidade da consciência.

O novo modelo de reflexão a ser adotado pelo filósofo que empreende o método fenomenológico deve ter como escopo não mais o objeto tal como na modernidade. A reflexão pautar-se-á pela elucidação do conteúdo de cada fenômeno que é intencionado. O eu dá-se por conta da existência objetiva do fenômeno, mas não lhe interessa enquanto eu reflexivo afirmar a posição existencial da percepção espontânea do objeto. Tal dado torna-se um mero pressuposto na investigação fenomenológica, pois, a *atitude natural* como pensada por Husserl possui uma coesão com uma espécie de facticidade fenomênica.

A fenomenologia, desse modo, ocupa-se com os fenômenos que se doam ao sujeito na esfera da facticidade e não com fatos e opiniões. Dessa forma, nota-se o comprometimento de uma ciência rigorosa não com a fatualidade, mas sim com a facticidade do mundo circundante. E tal ciência não deve se pautar pelo fio condutor das demais ciências. Ao contrário, deve modificar o sentido do fenômeno com o qual se ocupa. Mas todas as ciências não se ocupam de um determinado fenômeno? A resposta a tal pergunta pode ser facilmente obtida se levar em conta que o termo *fenômeno* em Husserl está imbricado com a noção de *essência*. O olhar do fenomenólogo não pode ser delimitado.

A fenomenologia convida o investigador ao aprofundamento do olhar criterioso em busca da apreensão dos dados puros. Nota-se, portanto, que, além da apreensão dos dados essenciais, a fenomenologia almeja atingir o dado essencial de investigação. O dado essencial sempre inicia sua dinâmica *cogito-cogitatum* pela intuição. A passagem da intuição à evidência é o cerne da teoria fenomenológica. Desenvolver a dinâmica teórica que conduz o simples fenômeno a uma evidência apodítica, requer um colocar-se diante da coisa ou dado fato, tendo a consciência um desígnio ontológico, pois, segundo Husserl, “na evidência, *no sentido mais amplo desse termo*, temos a experiência de um ser e de sua maneira de ser; é portanto nela que o olhar de nosso espírito alcança a coisa em si” (HUSSERL, 2001, p. 29). Buscar atingir a essência das coisas mesmas: eis o plano fulcral da fenomenologia. Alcançar uma evidência indubitável, uma certeza irrefutável e, a partir de um fluxo contínuo de averiguação, submetê-la ao filtro constante da *epoché*. Na busca por um princípio universalmente aceito, faz-se imprescindível um *insight* das essências dos objetos dados originariamente.

É preciso, portanto, efetuar uma descrição da captação da essência através das modalidades de aparições (*Erscheinung*) e, conseqüentemente, dos atos que se desdobram dentro da consciência e perfazem o movimento doador de sentido. No entanto, o grande desafio é voltar o olhar fenomenológico para um mundo de possibilidades infinitas, com conteúdos indetermináveis ou parcialmente apreensíveis, em que a todo instante o sujeito vivencia uma nova experiência. Como adentrar nos meandros estruturais de um mundo no qual o sujeito está inserido e do qual ele mesmo faz parte?

Cada estado de consciência possui um ‘horizonte’ que varia conforme a modificação de suas conexões com outros estados e com as próprias fases de seu decorrer. É um *horizonte intencional, cuja característica é remeter a*

potencialidades da consciência que pertencem a esse mesmo horizonte. Assim, por exemplo, em toda percepção exterior, os lados do objeto que são ‘realmente percebidos’ remetem aos que ainda não o são e que somente são antecipados na expectativa de maneira não intuitiva como aspectos ‘que estão por vir’ na percepção. Esta é uma ‘protensão’ contínua, que para cada nova fase perceptiva assume um novo sentido (HUSSERL, 2001, p. 62).

Em suma, a *epoché* conduz o ego a essa nova orientação reflexiva, a saber: o campo da vivência transcendental. Tal atitude dar-se-á através do “colocar entre parênteses”, “tirar de circuito” todos os possíveis prejulgamentos acerca do mundo. Isso não significa que a *epoché* nos coloque diante de um puro nada (HUSSERL, 2001, p. 35). Ao contrário, ela possibilita analisar os prejulgamentos sem a extinção dos mesmos, pois, mediante a utilização de parênteses, eles permanecem, em si mesmos, o que são. Com isso o que a *epoché* pretende é interromper o curso natural das preconcepções do ego e de suas ações cotidianas, motivando, por sua vez, a conversão do olhar natural para a orientação fenomenológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo evidenciou a explicitação de alguns conceitos proeminentes e imprescindíveis no trato do problema da intersubjetividade para a fenomenologia. Husserl privilegia a intencionalidade como o momento do encontro entre os sujeitos. A reflexão pautou-se pela elucidação do conteúdo de cada fenômeno que é intencionado, bem como os modos de articulação conceitual. No âmago da intencionalidade, a *associação* entre as partes acontecem via *emparelhamento*. Não tenho acesso à consciência do outro, pois caso isso fosse possível, o Outro e Eu seríamos o mesmo. Husserl demonstra a constituição da experiência do outro via intencionalidade, no ego transcendental reduzido, ou seja, como se forma uma comunidade intersubjetiva monádica. A *epoché* surge como recurso de suspensão do mundo próprio e tomada do Outro em sua estranheza. Husserl faz uso das reduções para atingir um nível de certeza cada vez mais puro. É como se a cada operação ocorresse um procedimento de filtragem das verdades alcançadas (vivências obtidas). É constante o aparecer nos escritos de Husserl de termos como “redução filosófica”, “redução eidética”, “redução fenomenológica” ou “redução transcendental”. Mostrou-se que a *epoché* ou a redução fenomenológica permite um “voltar-se” comprometido aos fundamentos da constituição de

sentido das possibilidades de conhecimento. O “em si” torna-se um “para mim”, pois me apropriado de sua condição existencial, não apenas enquanto objeto de conhecimento no âmbito empírico, mas como vivência intencional nos fluxos da consciência. O presente artigo procurou evidenciar o elo entre estes dois importantes conceitos na tentativa de solucionar o problema do solipsismo e a fundamentação de uma teoria da intersubjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, P. *Empatia e Ser-para-outrem: Husserl e Sartre perante o problema da intersubjetividade*. Revista Psi: Estudos e Pesquisas em Psicologia – UERJ. Ano 8, nº 2. p. 334-357, 2008.

HUSSERL, E. *Conferências de Paris*. Tradução de António Fidalgo e Artur Morão. Edições 70: Rio de Janeiro, RJ. 1992.

_____. *Méditations Cartésiennes*. Trad.G. Peiffer e E. Lévinas, Paris: Vrin, 1996. Trad. brasileira (Frank de Oliveira): *Meditações Cartesianas*. São Paulo: Madras, 2001.

PELIZZOLI, M. *A relação ao Outro em Husserl e Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. Traducción de José Luis Caballero Bono. Madrid: Editorial Trotta, 2004.